

143

# Centro de Estudos Bahianos

ARNOLD WILDBERGER



A Bahia de 1676 vista

por um

Médico Francês

PUBLICAÇÃO

24

SALVADOR — BAHIA

# A BAHIA DE 1676 VISTA POR UM MÉDICO FRANCÊS

Arnold Wildberger

Acabo de adquirir num antiquário de Londres a 1.<sup>a</sup> edição de um livro intitulado "RELATION DE L'INQUISITION DE GOA" publicado em Paris no ano de 1688 "Chez Daniel Horthemels, rue Saint Jacques, au Meeenas".

O seu autor é um anônimo e o livro é dedicado a Mademoiselle Du Cambout de Coislin; a publicação foi autorizada "por graça e com privilégio do Rei", em Versalhes, aos 21 dias do mês de agosto de 1687.

Diz o autor que neste livro "êle se contentou em descrever fielmente o que se observa na Inquisição" acrescentando "que com a referida publicação não teve em mira criticar a Inquisição em si, — que até certo ponto é uma instituição boa, — mas demonstrar que como tudo o que é humano, ella também está sujeita a corrupção dos costumes e aos abusos".

Contém o referido livro 48 capítulos e principia o autor por relatar a sua viagem de França, ao Cabo-Verde e Cabo da Boa Esperança, à Ilha Bourbon, Ilha Dauphine ou de São Lourenço, a Mozambique, à Ilha de Socotora, ao Mar Vermelho; descrevendo com minucias todos estes lugares, e finalizando por dizer o que êle viu de mais interessante em Surate e nos Reinos de Malabar, depois Ceylão, e no Cabo Comorin até Gôa; descreve igualmente as cidades de Gôa, de Chaoul, Bagaim, Daman e outros pequenos lugares da Índia.

A partir do capítulo IX começa o martírio do autor com a "visita" que êle fez ao Comissário da Inquisição para se "acusar a si próprio e pedir conselho", em que êle conta minudentemente como foi preso, descrevendo a prisão de Daman, relatando a maneira como foi transferido preso para Gôa, passando por Bagaim, dizendo o que era a Inquisição de Gôa, como os presos eram ali tratados, como os officiais da Inquisição se comportavam para com os presos, e sobre as injustiças que ali eram praticadas.

Muito interessante são os detalhes relatados a respeito das "Audiências do Santo Officio" contidos do 23.º ao 29.º capítulos, e tudo o que o autor escreve sobre o "Ato de Fé", os diversos ornamentos que se distribuíam aos criminosos, de acôrdo com a diversidade dos seus crimes, a ordem de marcha da procissão que antecedia o ato, o que

se praticava com aqueles condenados que iam ser queimados vivos, ou aqueles que seriam absolvidos, etc.

Por fim condenado em Gôa a cumprir cinco anos de galeras, foi dali transferido para Lisboa, onde obteve a sua absolvição, regressando a França, a sua pátria.

No capítulo XL do referido livro êle descreve a sua viagem de Gôa até a Bahia, diz da sua chegada à capital do Brasil e faz relato bem interessante sobre a Cidade de "San Salvador" e tudo o que nela observou. (Págs. 199 a 209).

Ê este relato sobre a Bahia de 1676 descrito por Monsieur D... (o anônimo); que vou traduzir a seguir para conhecimento de quantos se interessam em estudos desta natureza, mas, antes de fazê-lo, desejo acrescentar que a minha curiosidade determinou-me fizesse algumas pesquisas maiores para ver se era possível descobrir o nome do autor do livro, o tal Monsieur D...

Felizmente minhas investigações foram coroadas de êxito, pois, pouco tempo depois, encontrei em "La Grande Encyclopédie" o seguinte: **DELLON, Gabriel**: medico e viajante francês, nascido cerca de 1649, que vivia ainda em 1685. Foi em 1668 a Madagascar e dali para as Índias, onde percorreu a costa do Malabar (1671-1672). Depois de uma estadia de alguns anos em Paris, voltou para as Índias e fixou-se em Daman, mas ali foi detido, por ordem, da Inquisição e encarcerado em Gôa, onde chegou em 1674. Dois anos depois foi embarcado para Portugal, onde devia cumprir cinco anos de galeras; o capitão do navio o salvou porém, e êle ponde regressar a França.

São dele as seguintes publicações:

- a) Relation d'un voyage fait aux Indes Orientales — Paris 1685 — 2 volumes in-8.
- b) Traité des Maladies particulieres aux pays orientaux-Amsterdam 1695 — in-12.
- c) Relation de l'Inquisition à Gôa — Leyde 1687 in-12.
- d) Voyage de M. Dellon, avec sa relation de l'Inquisition à Gôa Amsterdam 1709 — 2 volumes — in-12.
- e) Idem — Cologne 1709-1711 — 3 volumes in-12.

Está, assim, identificado o autor anônimo do meu livro, que é, portanto, o médico francês Gabriel Dellon.

Os seus livros parece que foram muito procurados na sua época: a minha edição de 1688 publicada em Paris, não consta da Grande Encyclopédie, nem tão pouco uma outra do item e) que vi na magnífica biblioteca brasileira do Professor Frederico Edelweiss, que data de Cologne 1711 — (2 volumes in-12).

Nesta edição de 1711 encontrei, no segundo volume, a reprodução da minha "Relation de l'Inquisition de Gôa" de 1688, porém considera-

velmente aumentada, e como os "acrescidos" são de certo interesse para os curiosos, resolvi traduzir ambas as versões, confrontando uma edição com a outra.

Eis, pois, o que o "Docteur Gabriel Dellon" escreveu sobre a Bahia de 1676:

No livro de 1688 às pgs. 199 a 209:

"Fui conduzido, com grilhões aos pés, para um navio que estava ao largo, pronto a fazer vela para Portugal e entregue ao chefe dos marinheiros, que ficou encarregado de me levar à Inquisição de Lisboa, e, tendo o Capitão recebido os últimos documentos, levantamos ferros aos 27 de Janeiro de 1676 e naquele mesmo dia me tiraram os grilhões.

Nossa viagem foi bastante feliz até ao Brasil, onde chegamos no mês de Maio.

Logo que jogaram ancora na Baya de Todos os Santos, o chefe dos marinheiros, de baixo de cujas ordens eu estava, me fez descer com êle a terra, me conduziu ao Palácio do Governo, e dali à cadeia pública, onde me entregaram ao carcereiro.

Permaneci nessa cadeia durante todo o tempo em que o navio estacionou no porto, mas por proteção de alguns amigos que soube fazer nesse país, tive, durante o tempo que ali fiquei, autorização de sair da prisão durante o dia e somente de noite era pôsto de baixo de chave.

A prisão da Bahia é a mais limpa de todas aquelas que eu conheci até então, excepto as do Santo Ofício; além das partes de baixo que são passavelmente limpas e bem iluminadas, tem ela no andar superior alguns quartos para as pessoas menos culpadas, mais ricas ou melhor recomendadas; existe também uma capela aonde se celebra a Santa Missa aos domingos e dias de festas; e tem na cidade um tão grande numero de pessoas caritativas, que os prisioneiros não sofrem ali necessidades.

O Brasil é a parte Oriental da América; os portugueses construíram ali algumas cidades, das quais as mais importantes são Pernambuco, o Rio de Janeiro, e San Salvador; o Governador desta última é o Vice-Rey de todo o país, e todos os outros governadores reconhecem a sua autoridade; êle não pode porém os despojar dos seus governos, e como estes recebem as suas Provisões diretamente do Rei, somente êle também tem o poder de cassá-las.

Todo o Brasil é uma região temperada e agradável, o ar é são, a terra fértil, e encontram-se ao longo de sua costa quantidade de bons portos, onde os navios estão em segurança; os habitantes do Brasil não são negros, mas não são também inteiramente brancos e pucham para o vermelho; êles são bem feitos, tem cabelos longos, e embora não te-

nam os rostos disformes, tem no entanto um certo ar "esquivo" que não pode ser facilmente descrito e que se aproxima muito daquele dos Tartaros Setentrionais; elles são muito chegados à guerra, o que os torna cruéis; em alguns lugares do Brasil, os homens e as mulheres vivem nus, mas depois que os Portuguezes apossaram-se do pais, aquellos com os quaes elles fizeram algum commercio, tomaram pouco a pouco o habito de se vestir: perderam aquelle de comer os homens, e muitos mesmo abraçaram o Cristianismo e os Portuguezes casaram-se com mulheres Brasileiras, de sorte que hoje há mais Mestiços do que verdadeiros Portuguezes.

Embora se cultive trigo em alguns lugares do Brasil, e mesmo arroz e milho, no entanto a alimentação mais commun dos seus povos é a "Cassave" ou farinha que se extrai da Mandioca, raiz muito branca, que não sendo bem preparada, mata, ou pelo menos põe em grande perigo a vida dos que a comem, e a qual sendo moída, lavada e secada ao forno, perde de tal sorte a sua má e perigosa qualidade, que torna-se um alimento proprio à nutrição e tão familiar a todos os Americanos que estes a preferem ao arroz, ao milho e até ao pão.

Encontra-se em abundância excellentes frutas em todo o Brasil, taes como limões, laranjas, limas, bananas, abacaxis, côcos, uva, melancias e muitas outras, cujos nomes são desconhecidos na Europa.

Todo mundo sabe que é dali que sae o melhor fumo e que ali se produz açucar em abundância, o que constitue a principal riqueza do pais; como no Brasil as chuvas são frequentes, os pastos ali são muito bonitos, e se tem facilidades para nutrir uma enorme quantidade de gado. Não há parte alguma no mundo que seja mais regada por magníficos rios do que a América: o Brasil gosa desta liberalidade da natureza, e esta abundância de água é não somente util, no que diz respeito a fertilidade dos campos, mas ainda ao fornecimento de peixe para a alimentação dos povos que não vivem proximos do mar. Entre os portos do Brasil, a Bahia de Todos os Santos — na qual está a Cidade de Sam Salvador — occupa, sem contradita, o primeiro lugar, embora seja verdade existirem ali alguns bancos de areia, que tornam a sua entrada perigosa; tendo-se porem a precaução de tomar pilotos do pais, que não deixam de se apresentar logo que avistam um navio, entra-se com facilidade no porto, e encontra-se, quando se está nesta enseada, um asilo seguro contra todas as fortes tempestades, por ser o porto bem cercado de todos os lados, e os fundos lodosos e muito bons, onde as ancoras enterram-se tão profundamente que é preciso grandes esforços para tornar a tira-las; se pesca nesta Bahia quantidade de baleias de todos os tamanhos; o tempo mais favoravel para esta pesca é depois de São João até Setembro; o azeite que se tira deste grande peixe serve para a iluminação usada pelos habitantes do Brasil, e os escravos, assim como outras pessoas que tem poucos recursos, se ali-

mentam com a sua carne. O Brasil tem isto de peculiar que não existe ali quem se veja reduzido a tal ponto de miséria, que seja obrigado de esmolar o seu pão, e os infelizes que para ali vão, vindos de países afastados, são incapazes que estejam de poder trabalhar: não são nunca rejeitados pelas pessoas que possuem bens, cada qual fazendo-se um ponto de honra de acolher em sua casa tantos miseraveis quanto ali possam viver; e acontece até bastante que Senhores qualificados alimentam na sua casa um numero consideravel de pobres invalidos, sem sabê-lo, os seus Intendentes tendo ordem permanente de receber e de acolher todos aquellos que se apresentem sem que seja necessario dar disto conhecimento aos seus annos.

A Cidade de Sam Salvador, ou de St. Sauveur é a Capital de todo o Brasil; ella está situada no 13.º grau de latitude meridional; construiu-se na no fundo da bahia, do lado Norte; ella se divide em cidade alta e baixa; a baixa fica ao longo da praia, e ao pé de uma montanha alta e escarpada; as ruas para subir à cidade alta são íngremes e fatigantes; o mais bello desta Cidade é o alto desta montanha, de uma vasta extensão; toda a Cidade, compreendendo tanto a alta como a baixa, é peio menos tão grande como Lyon, e ao meu ver, mais populosa; na cidade alta tem ruas muito bellas, casas sumptuosas, igrejas magnificas; e o Palácio do Governador, onde se encontra também a sede do Parlamento, é de uma magnitudine e de uma belleza pouco commun. Este Parlamento que os Portuguezes chamam **Relação**, é o unico que existe no Brasil; se pode para ali recorrer de todos os Tribunais estabelecidos nas outras cidades que estão debaixo do Dominio do Rei de Portugal deste lado (do Atlantico) e as sentenças que ali são dadas, são inapelaveis para o Crime e para o Civil somente até a soma de duas mil libras, e caso excedam há recurso para o Parlamento (Côrte de Justiça) de Lisboa.

Tem Sam Salvador quantidade de ricos negociantes de todas as nacionalidades, e o que conservou até aqui o commercio no seu apogeu, assim como em todo o resto do Brasil, foi a recusa dos seus habitantes em aceitar a Inquisição, que ainda não poudo ser admittida, mau grado todos os esforços feitos pelos Senhores Officiais do Santo Officio para estabelecê-la ali.

Antigamente havia nessa Cidade um Bispo, mas há pouco essa Séde foi erigida em Arcebisado, que ficou sendo a metropole de todas as dioceses de nomeação do Rei de Portugal entre o Tropico do Cancer e o Cabo da Boa Esperança.

Se traz para o Brasil grande numero de escravos das bandas da Guiné, de Angola e de outros lugares da Africa; elles são vendidos publicamente nos mercados; como se faz aqui com os animais, são elles empregados nos trabalhos os mais venozos; tratam-nos de uma forma

tão cruel que comparados com os cristãos que caem nas mãos dos corsários, são estes tratados incomparavelmente com mais benignidade. Os que são bastante felizes em ganhar as bóas graças dos seus amos, são eximidos dos trabalhos mais pesados e passam a ocupar funções mais leves nas casas, acompanham o Senhorio quando elle vai a cidade e ajudam a carregá-lo. As cadeiras e os palanquins não são usados nesse país, nem tão pouco as carruagens, por existirem poucos cavalos; as pessoas abastadas se fazem carregar tanto na Cidade como no Campo em "hamacs" que é uma especie de rede, de mais ou menos sete pés de comprimento, e quatro de largura, franzida nas duas extremidades e atada a uma grande vara; dois escravos carregam este engenho e collocam as extremidades da vara nos seus hombros, enquanto outros com chapéus de sol fazem sombra àquelle que se encontra deitado ao comprido nesse "hamac" (rede).

Alem dos navios que, por circumstancias incidentes extraordinárias, ou necessidade de viveres, são obrigados muito frequentemente de arribar no Brasil, chega ali, pelo menos uma vez por ano uma Frota numerosa que sae simultaneamente de Portugal; quando ella se aproxima da "ligne" (Ecuador), ella se divide e cada esquadra segue para os lugares para os quaes ella foi encarregada; umas vão para o Rio de Janeiro, outras para Pernambuco, mais a maior parte vae para a cidade de Sam Salvador; a Corte de Portugal manda sempre acompanhar essas Frotas por dois ou três navios de guerra, como escolta dos navios mercantes, que trazem em abundância todas as mercadorias da Europa que os habitantes do Brasil possam necessitar, e logo depois de estarem de novo carregadas e as tripulações recompostas, toda a Frota se reúne em certa altura, combinada anteriormente, e dá vela para retornar a Lisboa; desta forma os negociantes ficam menos expostos aos doestos dos corsários, que não deixam de esperá-los na passagem, para procurar surpreender aquelles que, por imprudência ou infelicidade, se afastaram do grosso.

Pouco depois da minha chegada a Bahia de Todos os Santos, a Frota que vinha de Portugal também ali ancorava; trabalhou-se com a maior pressa possível para descarregar e carregar todos os navios, afim de os pôr em estado de poderem sair conosco; ficamos prontos mais ou menos em fins de Agosto.

Fizetam-me reembargar no principio de Setembro para ir para Lisboa mas esta última viagem não foi tão calma como aquella que fizemos da India até a Bahia".

No livro de 1711. 2.º vol. pgs. 159 a 197.

Saindo de Aljouvar fui conduzido com grilhões aos pés para um navio que estava ao largo, pronto a fazer vela para Portugal; entre-

garam-me ao chefe dos marinheiros, que se encarregou de mim e que teve de se comprometer de me apresentar a Inquisição de Lisboa, caso eu ali chegasse com vida.

Levantamos ferros a 27 de Janeiro do ano de 1676 com vento favoravel. No mesmo dia me tiraram os grilhões e o comandante chamado Simão de Sousa, que tinha sido meu padrinho no "Ato de Fé", mandou-me chamar ao seu camarote e me declarou que eu lhe daria prazer se tomasse conta da sua tripulação e se visitasse durante a viagem os doentes que o navio tivesse. Offereceu-me ao mesmo tempo a sua proteção e prometeu-me toda a ajuda que pudesse vir a precisar e que dependesse dele. A bondade com a qual me falou Simão de Souza — que era General das Armadas Navaes del Rey de Portugal, — contribuiu muito a suavizar as minhas amarguras; agradeci-lhe da minha melhor forma, e desde aquelle momento não me consideraram mais tanto como prisioneiro, mas sim como medico do General e da sua tripulação.

Nossa viagem foi muito feliz até mais ou menos a linha equinocial, onde ficamos parados durante alguns dias devido às calmarias as quaes, quando são de longa duração, cansam muito mais que as mais terriveis tempestades. Tendo o vento recommegado a soprar e a nos fazer, continuamos a nossa viagem até o 13º grau de latitude meridional, quando o vento mudou soprando contrario, o que não nos impediu de avançar sempre um pouco por ser elle moderado. Passamos a leste da Ilha Dauphine, e mais ou menos ao fim de março nos aproximavamos das terras visinhas do Cabo da Boa Esperança, que os nossos pilotos tinham interesse de reconhecer para a seguir torrarem os seus calculos de rota mais seguros. Na segunda-feira da Semana Santa, o vento que soprava a leste, e que vinha de pôpa, aumentou sensivelmente e tornou-se enfim tão violento, que na quarta-feira santa fomos obrigados a interromper o Santo Officio para arriar nossos mastaréos de gávea e colher as velas, com exceção da de Miseno, o mau tempo não nos permitindo de incliná-las mais, nem de arriá-las a meio mastro. Tivemos muito a sofrer durante a resto do dia e toda a noite seguinte com o balanço do navio, e não obstante estivessemos afastados de terra, não deixamos porisso de estar apreensivos de poder talvez dar a costa porque o vento nos carregava com uma violência, a qual era impossível resistir. De repente ficamos livres deste receio, tendo na quinta-feira pela manhã, inesperadamente, mudado o vento para oeste, mas elle soprava com tanta forza que fomos obrigados a renunciar aos nossos intentos e de nos afastar da terra onde tinhamos decidido ir. A tempestade tornou-se tão medonha e o mar tão terrivelmente agitado, que o nosso navio fazia água de todos os lados, embora fosse um dos maiores e dos melhores que estivessem sobre o Oceano e tivemos as nossas duvidas se elle poderia por mais tempo resistir a

uma tão forte tormenta. As nossas duas bombas mal davam para despejar as águas, e os mais audazes dos nossos marinheiros estavam assombrados com o perigo que nos ameaçava e certamente não poderíamos deixar de succumbir se o vento não se acalmasse. Não somente éle se acalmou, mas ainda voltou a soprar a leste, de modo que aparelhando de novo para terra reconhecemos, no sábado santo, ás nove horas da manhã, estamos nos aproximando do Cabo das Agulhas. Não saltamõs aî, porque não precisavamos de nada, mas o vento tendo parado completamente a calmaria nos impediu de perdê-lo de vista até quarta-feira, quando o vento de nordeste se levantou nos permitindo de nos pôr ao largo, dobrando o Cabo da Boa Esperança sem entretanto vê-lo. Mais ou menos na altura deste cabo, vimõs no mar os restos de um navio, que aparentemente tinha sido arrebatado pela tempestade que nos surpreendeu alguns dias antes. Na noite seguinte vimõs um navio que passava bastante perto de nós e que navegava em sentido contrario. Nossos officiaes fizeram logo preparar tudo para o combate, mas todos estes preparativos foram de balde, porque, ao raiar do dia, éle já estava tão afastado que não havia meio sequer de reconhecer a que nação éle pertencia.

Já o escorbuto, este flagelo horrivel do mar, começava a assolar a nossa tripulação, e raro era o dia em que não se jogava algum corpo ao mar, não obstante os cuidados que eu tomava para aliviar aqueles que estavam atacados desta cruel molestia. A esta infelicidade se succedeu uma outra que contribuiu muito a aumentar a primeira. Foi a calmaria terrivel que durou durante dez ou doze dias e que nos collocou a todos numa consternação singular. Um vento favoravel que Deus nos enviou acabou com as nossas inquietações e nos empurrou em pouco tempo até as costas do Brasil, descobrindo terra a 19 do mês de Maio pela manhã, na altura da Bahia de Todos os Santos, na qual se encontra a cidade de "Sam Salvador". Alguns pescadores que nos avistaram, vieram logo a nosso bordo oferecer os seus serviços, o que moveu o nosso capitão a tentar entrar naquele mesmo dia no porto, guiado por aqueles homens. Não se tratava porém de pessoas muito habilitadas, pois nos fizeram passar em cima de um banco de areia que fica a direita quando se entra na Bahia, sóbre o qual por pouco deixamos de naufragar.

Não havia muitos anos que um grande navio portuguez tinha naufragado em cima deste mesmo banco e como este desastre tinha se dado a noite, houve mais de mil afogados. Fomos felizes de termos batido nêle de dia; certamente foi ainda um acrescimo de felicidade de estar o tempo quieto e o vento favoravel, o que nos proporcionou meios de evitar o perigo ao qual a nossa grande felicidade nos tinha exposto e do qual prouvera a Deus nos preservar, como éle já houvera preservado tantos outros. Nos afastamos pois do banco, ficamos ancorados

durante toda a noite na entrada da bahia e no dia seguinte, que era o dia 20 de Maio, fomos ancorar deffrente da Cidade de Sam Salvador. Tinhamos perdido 25 homens desde que partimos de Gôa e tinhamõs ao chegar em terra mais de trezentos doentes, que teriam todos infelizmente morrido se tivessemos ficado mais uns quinze dias no mar.

No dia seguinte da nossa chegada ao Brasil, o chefe dos marinheiros, que estava encarregado de minha condução e que devia me apresentar aos Inquisidores de Lisboa, me levou consigo a terra. Fomos em primeiro lugar ao Palácio do Governador e dali fui conduzido a prisão pública, aonde, pela forma, fui entregue ao carcereiro.

Permaneci nesta cadeia durante todo o tempo que o navio ficou no porto, mas como eu era um preso julgado e que não era facil de se fugir quando já se tinha chegado ao Brasil e que doutra parte eu já tinha, desde os primeiros dias da minha chegada, a felicidade de prestar serviços a pessoas de qualidade, me permittiram sair e de passar na cidade durante o dia, e só de noite era posto debaixo de chave num quarto alto, limpo e em companhia de pessoas de distincção.

A prisão da Cidade de Sam Salvador é a mais limpa de todas aquellas onde eu tinha estado até então, a exceção daquellas do Santo Officio, que no entretanto são infinitamente mais horrosas. Ela consiste de algumas saias baixas, algumas masmorras, e de salas altas, onde se bota os prisioneiros mais ricos, menos criminosos e os mais recomendados. Existe também uma capela, que é disposta de maneira que todos os presos possam ouvir a Missa que se celebra aos domingos e dias de festas. Os criminosos os mais desprovidos e os mais desamparados, ali não soffrem de nenhuma necessidade extrema, porque tem na cidade um grande número de pessoas caritativas que se desvelam em socorrê-los.

O Brasil é a parte oriental da America; os Portuguezes constroem ali algumas cidades ao longo da costa. As principaes destas praças são Pernambuco, o Rio de Janeiro e Sam Salvador, que está situada na Bahia de Todos os Santos, assim chamada porque foi no dia 1.º de Novembro que se a descobriu. Os holandêses fizeram diversos esforços para se apoderarem destas cidades durante a ultima guerra que elles tiveram com os Portuguezes, mas sempre encontraram uma resistência tão vigorosa, que tiveram enfim de abandonar os seus intentos. Os insucessos destas tentativas os moveram a pegar em armas em outros países, onde foram incomparavelmente melhor succedidos. Nas praças que os Portuguezes possuem no Brasil tem Governadores que são nomeados pelo Rei de Portugal e que recebem as suas Provisões directamente dele, o que não impede que sejam elles obrigados de acatar as ordens daquele que comanda a de Sam Salvador, que é o chefe de todos e que é considerado como Vice-Rei de todo o Brasil.

Este país é uma região absolutamente agradável, a terra é fértil, o ar é são e temperado pelas chuvas quase diárias e por abundantes orvalhos que caem durante todo o ano, de maneira que os que vivem no Brasil, não se apercebem que vivem na zona torrida. Encontra-se em toda essa costa uma infinidade de excelentes frutas, que crescem nas matas e nos campos, sem que seja necessário cuidado algum para cultivá-las; as melhores destas frutas são os melões, as bananas, os abacaxis, as goiabas, os limões, os citrões de toda espécie e enfim as laranjas que se encontram em toda parte em abundancia e cujo gosto é tão delicioso que sobrepuja o de todas as demais frutas do país. A uva também não falta no Brasil, mas não é tão bóa como a da Europa. Ali se produz o melhor açúcar que existe no mundo; as canas crescem com facilidade e em abundancia; nenhuma diferença se nota entre os açucares do Brasil e os que se fazem em outros lugares, quando applicados nos mais excellentes vinhos de Champagne ou de Bourgogne e nos vinhos os mais communs do Brasil.

O fumo que cresce nesse país passa também por ser o melhor do mundo e é transportado para toda parte, excepto para os lugares onde os Príncipes prohibem a entrada, afim de facilitar o consumo daquelles fumos que se colhem nas terras de seus domínios, dos quais poucas pessoas se serviriam se fosse facil ou permitido de obter fumo do Brasil.

Os "patêques" ou melancias são ali também o que há de melhor e de um paladar delicioso. Existem no Brasil todas as verduras conhecidas na Europa, excepto o alho e a cebola, que não foi possível fazer nascer ali, não obstante todos os cuidados no semear e no cultivar; assim, todo o alho e toda a cebola que se consome no Brasil, vem de Portugal. Os côcos desse país são muito menores que aqueles das Indias Orientais, o gôsto não é o mesmo e parecem ser uma espécie diferente. Tem a casca muito espessa; dos maiores se fazem tabaqueiras, bocêtas e outras bugingangas e dos menores rosários, de sorte que cada côco forma uma conta. Os brasileiros não se habituaram, como os Indios (Hindús?) a extrair o "tari" ou vinho dos côcos, também não fazem aguardente de côco, porque as canas de açúcar lhes fornecem o bastante e porque lhes trazem também bastante aguardente de Lisboa, que é melhor do que a que elles conseguem fazer.

O que nós chamamos páu Brasil é muito corriqueiro em toda essa costa. Encontra-se também ali quantidade daquelas arvores das quaes se extrae o suco pelo alambique, e que é chamado de balsamo do Peru. Fazem no Brasil um grande comércio deste balsamo; as damas utilizam-se para guardar as suas joias em pequenos cofres embebidos por dentro e por fóra deste balsamo, e que cheiram perfeitamente bem. Na parte meridional do Brasil colhe-se muito bom trigo e em quanti-

dade; mas elle não cresce nas terras visinhas a Bahía de Todos os Santos, assim como nos lugares que ficam mais ao Norte, talvez porque as terras não sejam apropriadas, ou por causa da horrivel multidão de formigas, das quaes o país é como inundado, que comem o grão que se semeia antes que elle tenha podido germinar; colhe-se, no entanto, milho e arroz nos lugares onde o trigo não dá, porque estes grãos crescem dentro d'agua, o que os preserva dos ataques das formigas. Mas os brasileiros tiram a sua subsistência a mais commum das raizes da mandioca, com a qual se faz o que os francezes chamam de "Cassave" e os Portuguezes de "Farinha de pão". A mandioca é uma raiz branca, que parece bastante com a dragantea ou norça branca; é perigorosa se não fór preparada antes. Esta preparação consiste em metê-la n'agua até que ella fique mole e a seguir é ella séca; depois se en-sopa de novo e seca-se outra vez, o que é feito por mais algumas vezes; para que, por estas diversas influções e desecações, ella perca o que tem de perigoso e malsão. Assim preparada ella torna-se um alimento apropriado a nutrição e é uma comida tão familiar e tão agradável aos Americanos, que elles preferem "Cassave" ao milho e ao pão. Quando a mandioca está preparada, reduz-se-a em uma especie de farinha, que é muito branca, mas granulada e pesada como pol-vora de canhão. Esta farinha é quasi insipida, ella incha muito quando se a come e causa ordinariamente incommodativos embarços áquelles que não estão acostumados ou que comem em excesso. Faz-se com ella uma especie de pequenos doces, chamados "Beijús" que são mais appetitosos que a farinha, porque são amassados ordinariamente com leite de côco, mas que porisso mesmo são menos indigestos.

Embora não cresça trigo nos arredores de Sam Salvador, nem porisso o pão falta ali; é bem verdade que elle é um pouco mais caro do que nas demais cidades do Brasil porque essa Cidade é maior e mais povoada e que o trigo e a farinha que ali são consumidos veem ou de Lisboa ou do Rio de Janeiro. Traz-se também para ali do Portugal o vinho, o azeite, os tecidos e geralmente todos os comestiveis necessarios a vida. Como o Brasil é não somente banhado por quantidade de rios, mas ainda molhado por frequentes chuvas, os seus pastos são muito bonitos e ali se engorda muito gado. A América é das quatro partes do mundo aquella onde existem os maiores rios, assim como em maior numero, o que contribue não somente para a fertilidade do país e para a facilidade do comércio, mas tem também uma outra utilidade consideravel que é produzirem estes rios peixe em abundancia para a nutrição dos povos que não estão vnsinhos do mar. Come-se no Brasil excellente carne de boi e muito bom carneiro; encontra-se muita caça e peixe; as frutas não custam mais do que o trabalho de ir colhê-las ou de mandar buscá-las; se faz com ellas ge-

leias de toda especie, perfeitamente belas e baratas, visto que a libra do mais bonito açúcar não custa mais do que dois "sols".

Mas se existem muitos delectes no Brasil, há também coisas bem incomodas. Vem-se vermes de diferentes especies, que causam males cruéis áqueles que são por elles atacados. Os Portuguezes chamam estes vermes e as doencas que elles causam de "bicho", o que na sua lingua significa verme.

Tem ali uma especie de doença, chamada "bicho", que é produzida por um verme comprido e delgado, que se crava nas pernas, que as faz inchar e que causa dores atrozes; se a pessoa se descuidar no principio, elle forma nelas ulceras e muitas vezes dá grangrena. Este mal se cura mediante uma incisão na pele para descobrir o "bicho", que se tem depois de tirar de vagar e habilmente, manejando-o em volta de uma agulha. E' preciso cautela para não enganar-se, porque neste caso, se terá obrigatoriamente de fazer uma abertura maior e mais dolorosa. Tirado o "bicho" se deterge a ulcera e limpa a cicatriz com remedios apropriados.

Um "bicho" de uma segunda especie é um verme tão pequeno que se torna imperceptivel ao olho mais penetrante. Esta especie de verme se encontra ordinariamente nos casebres, nos lugares onde se construo, ou em toda parte onde há poeira, e onde não se tem o cuidado de varrer. Elles se cravam quase sempre nos pés, e ficam entre a pele e a carne, e muitas vezes entre a carne e as unhas, onde penetram sem que se sinta e sem que seja possível serem percebidos durante os primeiros dias. Os Brasileiros e os negros que andam descalços são fortemente incomodados, e os Europeus são menos expostos, porque usam sapatos e meias. Estes bichos que pela sua extrema pequenez não são visiveis, permanecem algumas vezes oito ou dez dias na carne, sem que se possa bem senti-los. E', porém, aconselhavel de bem examinar diariamente os pés e as pernas, para que, em caso de se estar com tais bichos, poder-se applicar logo o remédio, pois se houver descuido, elles ficam grandes como ervilhas num espaço de tempo de cerca de quinze dias e então são melhor reconheciveis pela lividez que produzem na parte, do que pela dôr que causam. Para evitar que estes bichos não progridam mais, é necessário tirá-los fazendo delicadamente uma incisão na pele, logo que se começa a percebê-los, porque mais elles são grandes, mais custa tirá-los.

É muito importante ter-se cuidado em não rebentá-los ao extrai-los, mesmo porque se isto acontecer sae dali uma funesta semente que se multiplica quase ao infinito; se se demorar muito a extrair ditos bichos e se elles ficarem tempo demasiado na parte afetada, elles a fazem apodrecer, produzindo ulceras verminosas e malignas, destruindo toda a carne dos pés que, enfim, caem em pedaços, como

muitas vezes vi acontecer a negros que, por natureza, são sujos e preguiçosos.

As pessoas que tem esta especie de bichos e que tem cuidado de tirá-los cedo, não soffrem muito e se curam breve, botando um pouco de fumo em pó na incisão feita para encontrá-los e retirá-los. Se, porém, por infelicidade ou por negligência se lhes dá o tempo de crescer e de romper a parte afetada, é preciso nesse caso, mao grado a dôr, que isto possa produzir, ver de matá-los tratando a seguir as ulceras com remedios convenientes.

Os Portuguezes dão ainda o nome de "bicho" a uma certa inflamação no anus, que nesse país é igualmente frequente e perigosa. Esta molestia é sempre acompanhada de uma violenta dôr de cabeça, de fortes repuxos e de uma grande queadura na parte afetada e quase sempre de febre. Se este mal é descuidado no seu começo, elle degenera breve em ulceras verminosas. cujas consequências são sempre dolorosas e muitas vezes funestas. Aquelles que tem o cuidado de lavar-se cada vez que vão ás privadas, são menos sujeitos a esta doença, do que aquelles que se descuidam de fazê-lo, mas quando uma vez se está atacado do mal, é preciso começar por fazer um cosimento de limões azédos com sal e de lavar-se a parte doente algumas vezes por dia. Introduz-se também com muito bom resultado pedaços grandes de limão nos intestinos, depois de retirada a casca. Em muitas occasões detem-se de vez por vez por este unico meio a marcha deste perigoso mal, especialmente quando elle ainda acha-se no começo. Se elle já fez porém progressos e se começa a notar um mau cheiro consideravel na parte afetada, é preciso então depois de se lavar com o cosimento acima referido, diluir polvora de canhão num pouco de água-rosa ou de tanchagem, botar de molho neste linimento cépo de tanoeiro (charpi), introduzi-lo no intestino e repetir algumas vezes por dia este processo até a completa cura, a experiencia tendo provado que nestas occasões não existe outro remédio mais eficaz.

É de importancia capital não fazer sangrias naquelles que estão atacados desta molestia, seja qual fór a razão aparente para fazê-lo, porque observou-se que nada é mais contra indicado do que sangrias e que poucos são os que escapam, aos quaes se tentou de aburr as veias. Não há remédio nestas occasões que alivie mais eficazmente os doentes depois daquelles sobre os quaes falei, do que os crysteis anódinos e somente depois que a molestia está em declínio é que se deve tentar purgar brandamente.

Existe ainda uma coisa que produz consideraveis abortecimentos aos habitantes do Brasil. São as formigas, das quaes em toda parte há uma tão prodigiosa quantidade, que o país parece delas estar coberto.

Encontram-se ali de diferentes espécies; as que são vermelhas e de tamanho mediano, são as que existem em maior número e são as mais importantes; elas se propagam em toda parte nos campos, se amontoam e se ajuntam muitas vezes em grandes montões, que de longe se assemelham serem casas formando uma pequena aldeia. Estas formigas fazem um terrível estrago e são a causa principal de não se poder colher trigo na provincia da qual Sam Salvador é a capital. Elas não somente inundam os campos, mas se as vê penetrar até dentro das cidades e se introduzem nas casas, nos baús, nas arcas, e nos armários onde com difficuldade consegue-se livrar-se o que quer que seja dos seus pequenos dentes. Elas não deixam no entretanto de fazer também um beneficio que não é dos menores, qual seja o de destruir os ratos e as cobras, aos quaes ellas fazem uma guerra sem trégua; a extrema disproporção que existe entre estas duas espécies de inimigos não impede que os menores, por seu grande numero, não sobrepujem e deem cabo dos maiores.

Os povos originários do Brasil são idolatras, muito dados a feitiçaria, são supersticiosos ao extremo, adoram e invocam os demônios como os habitantes de Madagascar, e no entanto, não tem nem templos, nem padres, nem nenhuma solenidade religiosa regular. Andam nus, são de côr avermelhada, e bastantes bem feitos, tem os cabelos compridos, e embora nada tenham de disformes no rosto, tem no entanto um certo ar "esquivo" que não pode ser facilmente descrito e que se aproxima muito daquele dos Tartaros Setentrionaes. Elles são muito ágeis, valentes e inimigos irreconciliáveis daqueles que os offendem. As suas armas são dardos e flechas, que ao envez de pro-vidos de ferros o são de grossas espinhas de peixe perfidamente bem amoladas. Aquelles dentro os Brasileiros que possuem armas guardadas de ferros, não as possuem que desde que as nações da Europa começaram a apparecer no seu país. Elles se occupam quase todos do cultivo da terra, de caça e pesca, comem indistintamente qualquer especie de carne, e até mesmo carne humana. Suportam facilmente a fome quando ha penuria de alimentos e nunca fazem provisões. São muito chegados à guerra e vivem se guerreando quase continuamente. Se fazem prisioneiros, os tratam muito bem durante algum tempo, os nutrem com cuidado, os engordam o mais que podem, e depois, em dia marcado, os conduzem as suas assembléas, onde, após lhes cortar de público a cabeça debaixo de algum cerimonia, os comem com uma crueldade que faz horror.

A maior parte dos Brasileiros não enterram, nem tão pouco queimam os seus mortos, mas sim cosinham a sua carne e dela se alimentam; muitas vezes nem sequer esperam que elles estejam mortos para cortá-los em pedaços; quando elles julgam que a enfermidade de uma pessoa é mortal, elles a degolam logo, receiosos que ella não fique ma-

gra demais se a deixarem padecer. E para que nada se perca deste abominavel pasto, depois de terem comido as carnes, elles seccam os ossos, os reduzem em pó e fazem uma especie de papa que comem também. Elles affirmam que esta maneira de agir não é absolutamente indecorosa, e se nós lhes dissermos que este costume é cruel e des-humano, elles resistem a esta censura e respondem que nós e que fallamos de piedade para com os nossos pais, e de ternura para com os nossos amigos, pois, podendo dar-lhes nossos estomagos por sepultura e incorporá-los de certo modo a nossa propria substancia, os matemos dentro da terra e toleramos que elles venham a ser o alimento dos vermes.

Depois que os cristãos entraram no Brasil, aquelles do pais que com elles vieram a fazer algum commercio, sem sentir, tomaram o costume de se vestir e perderem pouco a pouco o habito de comer os homens. Os Portuguezes construíram no Brasil não somente cidades, mas ainda algumas fortalezas, para se pôr ao abrigo de todo ataque, não somente por parte de outras nações da Europa, como também dos habitantes com os quaes elles procediam como em todos os países onde estavam fixados, quer dizer, exigiam d'elles o maior respeito, o que os tornava temidos e fazia com que estivessem com elles quase numa guerra continua.

Os Brasileiros não poupam a vida aos Portuguezes que tem a infelicidade de serem por elles capturados como prisioneiros, mas quando tornam-se seus escravos não são tampouco tratados com benevolência. E' bem verdade que elles não são degolados a sangue frio e comidos, mas o horrendo jugo ao qual são submetidos e os trabalhos excessivos aos quaes são obrigados são incomparavelmente mais terríveis que a propria morte inflingida aos seus inimigos.

A maneira severa, para não dizer cruel, com a qual os Portuguezes tratam os Brasileiros que elles subjugaram com as armas, fez com que muitos destes se submettessem a elles voluntariamente, mas muitos também que não tendo forças suficientes para lhes resistir, preferem a liberdade à servidão e abandonam o seu torrão para se retirar para Provincias mais afastadas, onde os Portuguezes ainda não conseguiram penetrar. Estes não deixam de enviar continuamente bandos contra estes Americanos e tem especial cuidado em bem fortificar-se nos lugares onde se tornam senhores, o que no entanto não impede que de quando em vez um d'elles caia entre as mãos dos Brasileiros: os quaes para se vingar da severidade exercida sobre os seus patricios nunca poupam a vida aos seus prisioneiros. Eu ouvi dizer, quando estive no Brasil, que os Portuguezes já tinham penetrado até cerca oitenta leguas distante do mar e que elles esperavam em pouco tempo ampliar consideravelmente as suas conquistas.

Eles tem por sinal muito cuidado em ensinar a religião cristã aos Brasileiros, tanto aos escravos como aos livres que vivem entre elles, de maneira que diariamente se os vê recebendo o Santo Batismo e os Portuguezes os mais qualificados não põem nenhum obstaculo de casar-se com mulheres do pais depois de estarem elas convertidas. Nota-se que não obstante serem estas mulheres brancas, bonitas e bem feitas, terem no entanto, e transmitirem aos seus descendentes, o ar esquivo da sua nação, que facilmente as faz distinguir daquelas que são nascidas de pae e mãe portuguezes. Alem dos Brasileiros que os Portuguezes se servem como escravos elles mandam buscar uma grande quantidade de ambos os sexos, das costas de Guiné e de Angola, para utilisá-los nos trabalhos do açúcar e do fumo. Quase todos estes infelizes são tratados pelos seus amos, com uma crueldade indigna de cristãos, o que os leva muitas vezes ao desespero e à revolta, donde advêm a seguir grandes tumultos. Algumas vezes foi-se até obrigado a mandar contra os fugitivos tropas regulares e a fazer-lhes guerra em regra.

Estes negros que veem da Africa são vendidos em pleno mercado, como animais. Este vergonhoso trafico pratica-se não somente no Brasil mas ainda em todos os paises da dominação portugueza, e até em Lisboa, Capital dos Estados de Portugal, há Portuguezes, que mesmo sem possuir terras a cultivar, não deixam de comprar e guardar grande numero de escravos; elles dão-lhes liberdade de se arrendar a si proprios e de irem trabalhar onde melhor lhes convenga, mediante certa soma que o amo exige delles por semana. Estas especies de convenções são muitas vezes a causa de muitas desordens, porque se estes escravos não ganharem bastante para pagar a taxa que lhes foi imposta, ou se lhes acontecer de perder o dinheiro no jogo, o que não é nada de incomum, elles se entregam ao roubo e nas vezes ao assassinato daqueles de quem não conseguiram receber o dinheiro senão matando-os; assim sendo, não obstante a severidade com a qual os Juizes punem estes escravos bandidos, quando elles são descobertos e presos, é perigoso de sair de noite na Cidade, e quando se vai para o Interior, é preciso, para se pôr ao abrigo dos ataques, ter-se cuidado de estar sempre bem armado.

A Bahia de Todos os Santos, no fundo da qual está construida a Cidade de Sam Salvador ou de "Saint Sauveur", está situada abaixo do grau 15º ao sul do Equador. E' um dos mais belos e maiores portos que se encontram em todos este Oceano. E' preciso apenas prestar atenção ao nêlo entrar, a alguns bancos de areia que se encontram a direita, e onde alguns navios naufragaram.

Pode-se evitar este infortunio, mandando vir de terra pilotos do pais, que sejam habéis e bem experimentados. A entrada desta baía fica quase directamente em frente de terra, as suas duas extremidades

estando situadas quase precisamente na linha leste-oeste; assim os navios somente precisam virar um pouco para o Norte, para chegarem ao ancoradouro. Por fim logo após dobrar-se os cabos que formam a entrada do porto, nada mais tem-se a temer, ficando-se inteiramente ao abrigo de qualquer vento, podendo-se jogar ancora em qualquer parte da baía, cujo fundo é bom em toda parte, e onde se pode abrigar alguns milhares de navios. Este porto é rodeado por todos os lados de colinas, de onde a vista é agradável e alegre, tanto pela beleza do terreno, como por causa do verdor das plantas que ascobrem o ano inteiro. Nesta baía desembocam alguns pequenos rios que banham as terras circunvisinhas e que aumentam a sua fertilidade. Os povos desta região, occupam-se especialmente de pesca, que ali é muito abundante; a da baleia lhes é de muito maior utilidade que a de todas as demais especies de peixes. Muitas vezes se pega até trinta baleias nos arredores de Sam Salvador, desde o começo de Junho até os fins de Setembro, que é a unica época em que este peixe aparece nas costas do Brasil. Todas as pessoas sabem que a baleia é o maior peixe por nós conhecido, mas como nem todos sabem como ella é pescada, vou explicá-lo aqui em poucas palavras. Os que são escolhidos para trabalhar nesta pesca, entram em pequenos botes e vão bordejar nos lugares onde as baleias costumam vir; logo que elles veem uma, e que estimam poder atingi-la, lançam um pequeno arpão amarrado num cabo grosso como um dedo; se a baleia fica ferida com o golpe, ella logo foge e fica mergulhada no fundo da agua enquanto estiver viva; deve-se então largar mais e mais a barpante, até que a baleia morra, o que se verifica quando ella tiver perdido todo o seu sangue; ella então não mais faz resistência e volta por si para fóra da agua; puxa-se então lentamente o barpante até aproximarse della, amarra-se a baleia com fortes arpões e puxa-se ella lentamente para terra para retalhá-la. Tem destes peixes cuja lingua somente produz até um moio de óleo, mas normalmente uma lingua dá meio moio, sendo esta a parte do animal da qual mais se tira óleo. Não se queima no Brasil outro óleo senão este; os escravos e o povo pobre comem carne de baleia, cujo gosto não é ruim, quando bem preparado com bom tempero.

Depois de entrar na baía e avançar duas léguas, encontra-se a cidade de Sam Salvador, defronte da qual os navios ancoram a um bom quarto de légua de terra. Esta Cidade em construida quase no fundo da Bahia, do lado Norte; ella é dividida em cidade alta e baixa; esta última fica ao longo da praia, no pé da montanha alta e escarpada, de sorte que as ruas pelas quaes se sóbe para a cidade alta são íngremes e muito fatigantes; esta parte da cidade que é construida sobre a montanha, é o que há de mais bonito. Toda a cidade, com-

preendendo tanto a alta como a baixa, é grande como Lyon e ao meu ver mais populosa.

Tem na cidade alta belas ruas, grandes praças, casas bem construídas, igrejas magníficas e um soberbo Palácio que serve de residência aos Governadores, e no qual se reúne também o Parlamento do País. Esta cidade é a capital; a mais rica e a maior de todas aquelas que possuem os Portuguezes no Brasil. E' nela que reside o principal Governador destas bandas e não obstante elle não exercer uma autoridade absoluta sobre os Commandantes das outras praças, elle tem precedência sobre todos e tem o direito em certas occasiões de enviar-lhes ordens, as quaes elles são obrigados de acatar. O rumor corria, enquanto eu estive em Sam Salvador, que se queria crear um Vice-Rey que seria tão absoluto em todo o Brasil, quanto o de Gôa o é nas Indias Orientais. Esperava-se também, de dia para dia, um Bispo para occupar a Sé que estava vaga há alguns anos e acreditava-se que quando o governo fôsse transformado em Vice-Reinado, a Igreja desta Cidade se tornaria Metropolitana do Brasil e de todas as Dioceses nomeadas pelo Rei de Portugal, situadas desde as Ilhas de Cabo-Verde até ao Cabo da Boa Esperança.

Tem em Sam Salvador um Tribunal de Justiça, que os Portuguezes chamam **Relaçam**, cuja alçada se estende a todas as Cidades do Brasil; a autoridade deste tribunal não é no entanto inteiramente absoluta, porque se pode recorrer dos seus julgamentos, a Corte de Justiça de Lisboa para as causas criminaes dos Nobres, quando se trata de pena capital, e para todas as causas civéis se a soma envolvida, excede de mil libras.

Encontra-se em Sam Salvador mercadorias de todas as especies, e negociantes de todas as nações, de sorte que ali florece um excellentemente commercio; mas o que mais contribuiu ao seu esplendor e a sua opulência, foi a recusa que os seus habitantes sempre fizeram em admitir a Inquisição, nem na sua cidade, nem em qualquer outra do Brasil, não obstante os officiaes do Santo Officio terem, em diversas occasiões, feito todos os esforços e todas as diligências possiveis para estabelecê-la ali.

Não sei se a libertinagem é tão grande em todo o Brasil, como ella é na Cidade de Sam Salvador. As mulheres, as mais qualificadas e aquellas que passam por ter algumas virtudes, não tem nenhum escrupulo em adornar as suas escravas com muito cuidado, afim de pô-las em condições de venderem mais caro os infames prazeres que ellas dão; ellas dividem a seguir o desprezível lucro da orgia destas prostitutas, de sorte que se pode dizer com razão, que o pudor falta quase completamente nesta cidade e que o vicio ali impera sobera-

namente. Todos os estrangeiros e particularmente os Francêses são ali queridos e estimados, mas acontece frequentemente que a estima publica faz cair sobre elles a inveja de certos particulares, e os envolvem em terriveis e perigosos apuros. O que aconteceu a um jovem Francês, que há alguns anos vinha exercendo a medicina ali com louvor publico, servirá para provar o que adiante declarei.

Este jovem foi certo dia chamado por uma senhora para ver a sua filha que estava perigosamente doente. Elle empregou os meios para curá-la rapidamente e teve a felicidade de conseguí-lo. Além disso teve a ventura de agradar tanto a mãe como a filha, que era jovem, rica, bonita e bem feita, e em uma palavra, era uma partido ao qual o estrangeiro não poderia nunca pretender. A saúde dessa jovem moça tendo ficado inteiramente restabelecida, perguntou-se ao médico se elle queria casar-se com ella; elle consentiu prazerosamente; casaram-n'os, mas como receiasse-se que pudesse surgir alguma opposição por parte de certos parentes da moça, o casamento foi feito sem pompa. Logo que o casamento do nosso Francês se tornou publico, a sua felicidade deu motivos para lhe criar inimigos, e invejosos da sua situação, resolveram fazê-lo morrer.

Afim de conseguirem o seu pernicioso intento, elles foram a procura de um Gentilhomen, marido da irmã mais velha da moça com a qual o médico acabava de casar-se, fizeram-lhe comprehender que o tinham ultrajado, concluindo dito casamento sem o consultarem; que o matrimonio que a sua cunhada acabava de contrair, era vergonhoso para a sua familia e que o unico meio que restava para reparar este ultraje e limpar esta nodoa, era de apunhalar o seu novel cunhado, que não passava de um jovem cirurgião, estrangeiro, desconhecido e talvez hereje, e que usurpava o nome e a qualidade de médico.

Este Gentilhomen que tinha mais riquezas que bom senso, excitado por tantos maos conselhos, se lamentou a principio publicamente da vergonha que este casamento lhe causava e a sua familia; nada omitiu para fazer com que outros parentes vissem também a partilhar dos seus sentimentos, mas encontrando-os ao dito respeito mais moderados e mais razoaveis que elle, reuniu alguns amigos seus, fez com que elles se juntassem a elle para vingar o ultraje que elle pretendia lhe ter sido feito, e veio com elles para a cidade. Durante a noite investiu e atacou a casa da sua cunhada, entrando com armas em punho, e assassinou de sua propria mão um rapaz que elle julgou ser seu cunhado, mas que era um amigo seu que se tinha escondido logo que ouvira o primeiro barulho e que, para infelicidade sua, era muito parecido com aquele a quem se procurava matar. Após esta sangüinária expedição o Gentilhomen se retirou com os seus acompanhantes

para as suas terras, afim de fugir as buscas que elle previu que a Justica não deixaria de fazer contra a sua pessoa.

Neste meio tempo o jovem medico que foi tão feliz de ter escapado a sanha destes furiosos, deixou a casa e se poz em lugar seguro, mas como a sua mulher e a sua sogra e as outras mulheres da casa nada sabiam da sua evasão, e pelo contrario, pensavam que fôra elle o apunhalado, começaram a gritar com todas as suas forças implorando socorro dos seus vizinhos e da Justica. Accorre gente de todos os lados ao saber-se da noticia do atentado, e quando esta chegou aos ouvidos do Official do Crime, elle mandou logo archeiros para capturar os assassinos, mas já era demasiado tarde, porque elles já tinham fugido. Este magistrado tendo sido informado do lugar onde o Francês se tinha refugiado, mandou-lhe guardas para evitar que, por uma segunda vez, se tentasse contra a sua vida, o que, infalivelmente teria acontecido, logo que o Genthomem, que era seu cunhado, viesse a saber que elle tinha falhado seu golpe. Os amigos do medico vendo bem que elle não estava seguro no Brasil, aconselharam-n'o de ausentar-se por algum tempo e de fazer uma viagem para Lisboa. Fizeram-lhe ver que este seria o melhor meio de evitar a desgraça que o ameaçava e da qual já escapara uma vez, e que durante a sua ausencia as coisas talvez mudassem de aspecto e que enfim, com o tempo, os espiritos pudessem se calmar. Aceitou este conselho e embarcou-se para ir a Portugal, acompanhado dos guardas que lhe tinham sido dados para segurança da sua pessoa e que não o deixaram até que o navio no qual embarcou fizesse vela. Esta separação lhe foi penosa e foi ainda mais sentida pela sua jovem esposa e pela sua sogra, mas afinal não havia então para elles outro caminho melhor a ser seguido. Chegou bem a Lisboa e eu soube, quando ali estive que elle estava solicitando fortemente permissão do Principe Regente para mandar buscar para Portugal a sua mulher, sua familia e seus bens, receioso que se voltasse ao Brasil, não ficasse de novo exposto a novos ataques.

Antes de terminar este capitulo, não devo esquecer de uma coisa que merece ser mencionada, e que se verifica em todos os lugares occupados pelos Portuguezes no Brasil: não se vê ali ninguém que esteja a tal ponto reduzido a miseria, que tenha de mendigar o seu pão, e mesmo os infelizes que para ali foram voluntariamente, vindos de países longinquos, não são nunca desprezados por pessoas afortunadas, nem mesmo se inteiramente incapacitados de trabalhar. Cada qual faz-se um ponto de honra de acolher em sua casa todos os miseraveis que ali se apresentam e acontece até bastante que grandes senhores alimentam em suas casas grande numero de pobres invalidos, sem sabê-lo, os seus Intendentes tendo ordem permanente de receber e fornecer alimentos indistintamente a todos aquelles que se apresentarem, sem que

seja necessário dar disto conhecimento aos seus amos. E' bem verdade que a comida que é absolutamente necessária a um homem para viver, é muito pouca, e que não há quem possa comer num dia farinha equivalente a um "sol de valor, e o que é o suficiente para não sofrer extrema necessidade.

Não se vê no Brasil nem cadeirinhas, nem palanquins, nem carruagens, mesmo porque existem ali poucos cavalos. As pessoas ricas se fazem carregar tanto na cidade como no campo, em "hamacs" (trêdes), por quatro escravos, enquanto outros com chapéus de sol, se occupam a fazer-lhes sombra.

A Frota que parte todos os anos de Lisboa para todas as Cidades do Brasil, chegou a Bahia de Todos os Santos no começo do mês de Junho. Os navios que estavam destinados a Sam Salvador ali ficaram e os que estavam carregados para o Rio de Janeiro passaram por fóra, seguindo para lá sob o comando do general e dos navios de guerra que os escoltavam. No entretempo trabalhava-se com toda pressa possível na descarga dos navios que tinham ficado na Bahia, e no seu carregamento, para que estivessem prontos quando aquelles que foram ao Rio de Janeiro estivessem de regresso. Esta pequena frota chegou a Sam Salvador em fins do mês de Agosto; cada um empenhou-se logo para conseguir as provisões e refrescos necessários para a viagem e quando tudo estava pronto, o Comandante do navio no qual eu estava quando vim da India, veio me buscar e me conduziu a bordo, de sorte que a três de setembro de manhã, levantamos ferros com toda a Frota que se compunha de trinta navios. O navio no qual eu estava chamava-se "São Pedro de Rates", e trazia bandeira de almirante, e de todos os navios que compunham a Frota, tinha, comprehendendo o nosso, vinte e dois para Lisboa e oito por conta dos negociantes da Cidade do Porto.